

Linguagem documentária e a organização de isotopias para a representação do conhecimento

 **Alexandre Robson Martines**

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Marília, Brasil.
alexandre.martines@unesp.br

Resumo

Objetivo: analisar a importância da linguagem documentária para a organização e representação da informação presente no documento, além de refletir sobre como práticas e estratégias da semiótica, da escola francesa, podem contribuir para a compreensão das correlações semânticas estruturadas na construção do documento, denominado de isotopia.

Método: qualitativa, exploratória, houve a investigação de teorias acerca da correlação semântica na configuração do enunciado, promovendo um levantamento de informações de materiais publicados na área – periódicos, dissertações e teses – para sistematizar os conceitos inerentes à organização do conhecimento com o fito de destacar a linguagem documentária e as contribuições da terminologia, assim a organização do conhecimento e da organização da informação, ainda a análise da organização do conhecimento, além de proporcionar a análise de valências, isotopias na constituição do enunciado. **Resultados:** a definição de um valor na linguagem documentária permite que a semiótica se torne operacional, já que, na ciência, esse valor é resultado de um percurso lógico de significação, portanto garantindo que a isotopia demarque, através dos objetos informacionais, veiculados por simulacros, os conceitos, por conseguinte o conhecimento. **Conclusão:** a aplicação da semiótica para a validação da isotopia oferece à análise documentária a constatação de aspectos semânticos e semióticos, os quais são marcados por caráter lógico ou caráter fiduciário, evidenciando a formação lógica ou axiomática da linguagem documentária.

Descritores: Organização do conhecimento. Linguagem documentária. Semiótica discursiva. Isotopia.

Recebido em: 14.07.2025 | Aceito em: 20.03.2026

1 Introdução

O conhecimento é a produção das descobertas, dos valores, das ações, das práticas, das estratégias, das formas de vida que a humanidade desenvolveu ao longo dos anos, seja na dimensão cultural, seja na dimensão científica. A evolução do conhecimento proporcionou a evolução das sociedades, bem como a evolução dos indivíduos caracterizou a evolução do conhecimento. Sendo assim, é importante compreender que a construção do conhecimento perpassa pela conexão de diversas áreas, estabelecendo um diálogo constante, o que na ciência se caracteriza como interdisciplinaridade e na constituição dos saberes promovidos por uma mente é denominado *background*.

Nessa linha, torna-se interesse da ciência tratar do conhecimento, aplicando estratégias epistemológicas para estabelecer a sua classificação, apontando categorias, alinhada a preocupações históricas e metodológicas para reconhecer os diversos processos de produção científica e cultural. Somado a isso, o processo de organização e representação torna-se estratégia fundamental para dinamizar as atividades, além da compreensão da extensão de cada área e como se constituem a atuação, a organização, a sistematização, a distribuição e o acesso.

Ademais, o conhecimento não se constrói aleatoriamente, é preciso a constituição de informação e a materialidade de seu desenvolvimento em suportes. Tal fator atribui à informação papel central nas disposições de interatividade, de operatividade e de recuperação das conexões de contextos, documentos e agentes produtivos de conhecimento, pois a informação viabiliza a efetivação da mensagem e da significação.

Somado a isso, é válido destacar o papel da linguagem no processo de organização e de representação da informação e do conhecimento, já que é a linguagem, em seu estado natural, o elo entre o objeto, o fenômeno, a informação e o pensamento, os quais serão materializados em significação, através de aspectualizações temática e figurativa. A linguagem é responsável pela mediação com o real, como também estabelece signos para efetuar a representação. Esses signos inseridos em contextos científicos, culturais, históricos, políticos e sociais tornam-se símbolos e, através de um processo de significação, estabelecem a semiose e a cognição.

Para efetivar um sistema metodológico competente, eficiente e eficaz a fim de garantir a estabilidade na organização e na representação do conhecimento, a ciência se utiliza de linguagens especializadas para estruturar uma rede semântica específica, sob a qual é necessário aplicar uma normalização à base de manuais, acordos, dicionários para que seja garantida uma convencionalidade. A recuperação das informações, como a facilitação do diálogo entre os integrantes de uma determinada comunidade e o diálogo com usuários dessas informações no âmbito geral, depende dessa garantia materializada em descritores, os quais são denominados de linguagem documentária.

Diante disso, é objetivo dessa pesquisa analisar a importância da linguagem documentária para a organização e representação da informação presente no documento, além de refletir sobre como práticas e estratégias da semiótica, da escola francesa, podem contribuir para a compreensão das correlações semânticas estruturadas na construção do documento, o que pode ser denominado de isotopia.

Para o desenvolvimento deste estudo, aplicou-se uma metodologia de natureza qualitativa, tipo exploratória, visto que visa à investigação de teorias acerca da correlação semântica na configuração do enunciado. Assim, houve a coleta em bases de dados como Brapci, Google *Scholar*, Dialnet e catálogo de teses e dissertações da Capes, com isso foram recuperados materiais científicos, como artigos, teses, dissertações e livros, publicados nos idiomas português, espanhol e francês.

Para a realização da busca, não foram estabelecidas datas, visto que o enfoque da pesquisa está centrado na temática, logo destacam-se palavras-chave como organização do conhecimento e da informação, representação do conhecimento e da informação, tratamento documental, análise documentária, linguagem documentária, classificação, categorização, tesouros, discurso, aspectualização, tematicidade, figuratividade e isotopia. Nesse cenário, para sistematizar os conceitos inerentes à organização do conhecimento, destacam-se os trabalhos de Lara (2001, 2004a, 2004b, 2011); Tálamo e Lara (2006); Fujita (2016) para tratar de linguagem documentária e as contribuições da terminologia, assim como Brascher e Café (2008) para tratar da organização do conhecimento e da organização da informação, ainda Dahlberg (1978); Smiraglia (2012); Barité (2001, 2015); Hjørland (2003), na análise da organização do conhecimento, além de Greimas (1973, 1975, 2014); Greimas e Courtés (2016), na análise de valências, isotopias na constituição do enunciado e do

discurso. Desse modo, a análise se consolidou a partir dos conceitos mencionados e a interpretação ocorreu fundamentada no cruzamento das teorias, permitindo a construção de inferências.

Sendo assim, a presente pesquisa apresenta discussões passível de contribuição para a organização do conhecimento e da informação no que tange ao tratamento das informações presentes no documento e nas perspectivas de constituição de práticas e estratégias para evidenciar a linguagem documentária adequada para a representação.

2 Organização do Conhecimento: informação e cognição

A evolução da humanidade e, principalmente, a evolução da compreensão acerca do mundo natural e cultural propõem aspectos de significação bastante profícua quando se trata das possibilidades de diálogo entre as diversas áreas. Além de haver a preocupação com os fatores imanentes da própria existência de um determinado conhecimento, há também uma riqueza de possibilidades em se tratando das perspectivas para além de seus limites estruturais. Há diversas propriedades do conhecimento, diversos campos trabalhando juntos para proporcionar inovações, em camadas de alinhamento e ajustes, o que caracteriza a constituição de um *background*.

Entretanto, apenas é possível estabelecer esse tipo de diálogo entre linhas diferentes do conhecimento, porque este é organizado e sistematizado em suas bases, métodos, linhas, técnicas, práticas e estratégias de estudo, de constituição epistemológica e de aplicabilidade. Por isso, torna-se fundamental no processo de tratamento da informação em um documento a verificação das diferentes vertentes de construção de conhecimento que se apresentam de modo discursivizado. Diante disso, o processo de representação é um trabalho de curadoria, que exige conhecimentos, técnicas e métodos mais complexos, que vão além de estratégias de reconhecimento de palavras-chave.

Não obstante, é preciso destacar que o conhecimento é veiculado pela configuração da informação, sob a qual se estabelece o pensamento. Sendo assim, é evidente que o conhecimento é resultado de um processo epistemológico, como também resultado de um processo cognitivo e representado por uma trama de

símbolos, no caso da ciência, por uma trama estabilizada verificada no enunciado, denominada de linguagem documentária.

A terminologia é instrumento de cunho profissional responsável por dar condições à ciência para dar visibilidade aos seus progressos, inovações e resultados. Ademais, a aplicação de um termo em um determinado enunciado ocorre sob a busca e necessidade de fundamentar os conceitos responsáveis pelo desenvolvimento do conhecimento e por sua compreensão. Esse processo inserido na análise do texto configura-lhe que sua tessitura é decorrente de processos cognitivos, os quais estão presentes na elaboração do documento, no tratamento e análise das informações, na representação e na recuperação. É um processo que pode ser reconhecido em três estágios: a) produção do autor; b) tratamento informacional por parte do profissional da representação e indexação; c) a interação com o usuário, na recuperação e uso dessas informações.

Nessa perspectiva, entende-se que a inter-relação entre termos e conceitos e sua trama significativa no enunciado de um documento depende da “[...] legitimidade de termos e conceitos”, os quais “[...] não dependem apenas de sua proposição [...]”, pois essa trama é, por um lado, “[...] assegurada pelos discursos que propõem reflexões de natureza teórica a partir de generalizações oriundas da prática” (Lara, 2011, p. 93). Por outro lado, sua aplicação no processo de representação e indexação depende de que haja “[...] a sua validação por parte da comunidade científica que constitui a área de especialidade em causa”, já que “[...] a comunidade científica reconhece ou rejeita os textos – e o conjunto de conceitos e termos nele veiculados – submetendo as propostas ao debate e atribuindo-lhes valor” (Lara, 2011, p. 93).

Diante disso, fica claro a importância da parcimônia entre termos e discursos, visto que para haver a legitimação de um trabalho documental, as partes precisam dialogar, conseqüentemente criam-se as redes semânticas e os valores de condução para materialidade e legitimidade.

Assim, a terminologia aplicada ratifica o acordo entre os integrantes de uma comunidade discursiva – seja científica, seja cultural. Esse procedimento garante a organização das informações coletadas e da sistematização dos conhecimentos aplicados, pois há o reconhecimento realizado pelos pares acerca de uma “[...] terminologia (termos e conceitos, como forma e conteúdo indissociáveis) a partir da análise de proposições e argumentos que caracterizam a produção técnico-científica

(artigos, teses etc.)” (Lara, 2011, p. 93).

Outrossim, é importante destacar que é a terminologia que efetiva a visualização da área do conhecimento, pois esta evidencia a trama entre os termos na composição semântica marcada pela similaridade e complementaridade da construção morfológica e sintática nas proposições, uma vez que esse termo é reconhecido no documento e projetado nos instrumentos de representação, ou seja, é uma dupla composição de redes semânticas. No texto, essa rede é composta através de processos metalinguísticos, na extensão da frase; no instrumento de representação, o termo evoca todo um cenário semântico e pragmático de possibilidades de relações. Portanto, no texto, a rede é atualizada e realizada, enquanto nos instrumentos de representação, é virtualizada e potencializada.

À guisa de interação, essa rede semântica de elementos em parcimônia na construção da tessitura do documento se materializa e se efetiva na consolidação da informação, a qual é responsável pela veiculação de seu conteúdo, o que se caracteriza como “[...] os juízos de valor fixados na informação”, já que os aspectos semânticos são decorrentes de uma constituição lógico-histórica, marcada por “[...] sua veracidade, confiabilidade, conhecimento, adequação dos juízos de valor” (Brascher; Café, 2008, p. 4).

Dessa forma, entende-se que a informação é propulsora do conhecimento. Pode-se compreender que a linguagem é responsável pela representação do objeto, ou do fenômeno, essa constituição é efetivada em um todo de significação que sistematiza a informação, sendo esta produtora do pensamento. A interação constante, decorrente de fatores culturais, sociais, históricos e epistemológicos do pensamento com novas informações e com novos contatos com o objeto ou fenômenos efetivam a experiência, logo constituindo informação em conhecimento.

Assim sendo, esse processo é decorrente de aspectos cognitivos, porém “a informação não pode ser vista como um objeto concreto contábil, mas sim como algo subjetivo e dependente da interpretação do receptor” (Brascher; Café, 2008, p. 4). Somado a esse fator, pode-se apontar que “[...] a informação está ligada a visões sobre o conhecimento ao mesmo tempo em que as influencia e modifica”, por conseguinte a informação está suscetível a transformações em sua construção de significação devido à sua relação com a linguagem, logo “[...] a informação é vislumbrada como uma possibilidade de transformar estruturas do conhecimento e,

portanto, o conhecimento pode ser visto como algo provisório e em permanente revisão” (Brascher; Café, 2008, p. 4).

Outrossim, na relação informação, conhecimento e organização, a aplicação de uma terminologia específica para a elaboração de uma linguagem documentária efetua a organização da informação disposta no documento original e na elaboração de instrumentos de representação e indexação. A informação para ser organizada deve ser descrita, evidenciando as propriedades de um objeto, ou ainda das relações que esse objeto estabelece com outros que geram identificação. Além disso, para conceber a ideia de informação organizável em unidades, é preciso reconhecer as atribuições de um objeto informacional (Brascher; Café, 2008).

É neste ponto em que se destaca a ideia de que “[...] alguns tipos de representação da informação são constituídos por meio de linguagens elaboradas especificadamente para os objetivos da organização da informação” (Brascher; Café, 2008, p. 5). Diante disso, pode-se compreender que a organização da informação se constitui por ser “[...] um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais” (Brascher; Café, 2008, p. 5).

Sendo assim, a informação é condutora do conteúdo, materializando o pensamento em uma expressão, modelada através da relação entre linguagem e realidade. Dessa forma, estabelecer a organização da informação é organizar o conteúdo apresentado pela linguagem especializada através da terminologia aplicada, já que se trata da materialidade, da evidência dos “[...] atributos de um objeto informacional específico [...]”, do “[...] mundo dos objetos físicos” (Brascher; Café, 2008, p. 5).

Em contraparte, o conhecimento é evidenciado a partir de unidades do pensamento: os conceitos, elementos fundamentais para a cognição, pois são responsáveis por carregar todos os atributos, todos os predicativos manifestados a um determinado ser, sistematizados e configurados em conjuntos amplos de cenas práticas, já que o conhecimento está em devir.

A linguagem e a informação são também responsáveis para a organização do conhecimento, pois há o “[...] processo de modelagem do conhecimento que visa a construção de representações do conhecimento. Esse processo tem por base a análise do conceito e de suas características para o estabelecimento da posição que cada conceito ocupa num determinado domínio” (Brascher; Café, 2008, p. 8).

É claro que apontamentos sobre o conhecimento exigem diálogos constantes com a filosofia, com a ciência, sobretudo com a epistemologia, sendo assim é preciso compreender que a organização do conhecimento e da informação se refere à gestão documental, como também à investigação científica de natureza humana e tecnológica a fim de tratar da informação documental para que esta seja organizada, representada, armazenada e recuperada.

Nessa perspectiva, Smiraglia (2012, p. 225, tradução nossa) define que a organização do conhecimento “[...] é o domínio em que a organização do conhecimento é o principal paradigma da investigação científica, cuja aplicação básica e o desenvolvimento de sistemas”. Sendo assim, efetivando a importância desses produtos para se obter resultados eficazes, assim as classificações, taxonomias, ontologias e tesouros são “[...] regras para descobrir a organização natural do conhecimento e para estabelecer uma sequência útil no conhecimento descoberto” (Smiraglia, 2012, p. 225, tradução nossa).

Além disso, ainda pode-se indicar que a organização do conhecimento estuda “[...] as leis, os princípios e os procedimentos pelos quais se estruturam o conhecimento especializado em qualquer disciplina, com a finalidade de representar tematicamente e recuperar a informação contida em documentos de qualquer natureza” (Barité, 2001, p. 120, tradução nossa). Além disso, o autor ainda enfatiza a necessidade de que a recuperação da informação além de ser eficiente, deva apresentar respostas rápidas “às necessidades do usuário” (Barité, 2001, p. 120, tradução nossa).

Concomitantemente, as teorias da organização do conhecimento devem centralizar seus esforços em “[...] conceitos, critérios para a inclusão de categorias, significado, indexação, relações semânticas, assuntos e pontos de acesso do sujeito” (Hjørland, 2003, p. 88, tradução nossa). Por isso, é fundamental sua relação com a teoria do conceito, como também a aplicação de sistemas de organização do conhecimento para representar, armazenar, indexar e recuperar as informações, já que a organização do conhecimento diz respeito “[...] à natureza e qualidade desses processos de organização do conhecimento, bem como os sistemas de organização do conhecimento para organizar documentos, representações de documentos, trabalhos e conceitos” (Hjørland, 2009, p. 86, tradução nossa).

Dessa forma, define-se como objeto de estudo da organização do

conhecimento o “conhecimento socializado e registrado”, além de proporcionar “[...] o desenvolvimento teórico-prático para a construção, a gestão, o uso e a evolução de sistemas de organização do conhecimento” (Barité, 2001, p. 120, tradução nossa). Somado a isso, há a função de “[...] teoria e prática dos processos de classificação e indexação [...]”, ainda é necessário destacar a função de “[...] análise temática da informação em geral, considerando aspectos semânticos, cognitivos formais e informáticos” (Barité, 2001, p. 120, tradução nossa).

Sendo assim, reconhece-se a relação entre linguagem, informação e cognição, já que esses elementos são articuladores de significação, a qual requer a produção de experiência e valores científicos ou culturais. Nesse sentido, o conhecimento é compartilhado através de fatores cognitivos ativados pela linguagem, o que lhe configura como conjuntos de informações, conseqüentemente, conjunto de conceitos que se realizam na experiência e no devir, constituindo a formatação do *background*. Assim, o conhecimento pode ser organizado devido ao resultado da significação decorrente do compartilhamento e da construção coletiva.

3 Semiótica e a construção de isotopias

A linguagem natural é responsável pela significação manifestante na construção da informação veiculada em um documento. Como visto, é a informação que potencializa o conhecimento: tanto o conhecimento cognitivo, quanto o conhecimento manifestado como resultado daquilo que foi produzido pela humanidade. Sendo assim, torna-se importante analisar as concepções acerca da linguagem e sua significação, por isso entende-se ser a semiótica o caminho profícuo para tratar desses aspectos. Dessa forma, destaca-se a correlação entre os elementos linguísticos, os quais são responsáveis pela construção de uma rede semântica coerente e coesa, ou seja, pela efetivação de isotopias.

Primeiramente, é válido apontar que a linguagem implica o entendimento sobre mediação e significação, além do processo primordial da representação do objeto, ou do fenômeno, fator responsável pela constituição de valores, sejam eles científicos, históricos, políticos, sejam culturais, além de que a linguagem é indicadora da compreensão de atos, práticas, ações e formas de vida. Logo, a linguagem é inerente àquilo que se produz em conjunto, compartilhado e difundido.

Nessa linha, tem-se que “a linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade, seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado” (Hjelmslev, 2013, p. 1). Outrossim, a linguagem é elemento fundamental para as tramas da cognição, além do que atua “como sistema de signos”, por conseguinte constitui o “sistema conceitual” e a “natureza psíquica” do ser humano (Hjelmslev, 2013, p. 2).

Ademais, estabelecer um estudo sobre a significação é considerar que a análise acerca da imanência textual é um percurso valioso, já que explora, inicialmente, os valores semânticos reconhecidos pela presença dos signos, que evidenciam um inventário limitado do sistema linguístico, sem o qual “[...] a teoria da linguagem não poderia esperar alcançar seu objetivo: tornar possível uma descrição simples e exaustiva do sistema que está por trás do processo textual” (Hjelmslev, 2013, p. 48).

A importância de um sistema linguístico ser limitado é indicar uma estabilização de suas propriedades linguísticas, ou seja, se esse inventário se renovasse constantemente, não seria possível estabilizar a aplicabilidade de conjuntos de signos na consolidação da significação, pois seu valor semântico seria transformado constante e aleatoriamente. Todavia, esse inventário limitado possibilita uma infinidade de possibilidades de ressignificação e revitalização, isto é, a semiose, já que o signo é “signo de alguma outra coisa”; o signo “se define por uma função”, portanto um signo “funciona, designa, significa”, o que faz dele um “portador de uma significação” (Hjelmslev, 2013, p. 49).

Uma linguagem é um sistema de signos, dessa maneira “[...] grandezas como frases, as proposições e as palavras parecem preencher a condição imposta: elas veiculam uma significação e, portanto, são signos” (Hjelmslev, 2013, p. 49). Além disso, ainda se pode afirmar que os inventários realizados para uma análise ou para uma aplicabilidade sempre conduzirá a “[...] um sistema de signos que está por trás do processo de signos” (Hjelmslev, 2013, p. 49).

Tal situação se efetiva, pois “[...] a significação atribuída a cada uma dessas grandezas mínimas deve ser compreendida como puramente contextual” (Hjelmslev, 2013, p. 50). Além disso, “[...] toda grandeza, e por conseguinte todo signo, se define de modo relativo e não absoluto, isto é, unicamente pelo lugar que ocupa no contexto”,

portanto “[...] toda significação de signo nasce de um contexto, quer entendamos por isso um contexto de situações ou um contexto explícito” (Hjelmslev, 2013, p. 50).

Atrelado a isso, destaca-se que um signo é formado por uma expressão e por um conteúdo, sendo assim as funções semióticas serão decorrentes de uma relação solidária entre esses dois elementos. Assim, “[...] uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão” (Hjelmslev, 2013, p. 54). A relação entre as partes efetiva o valor semântico do signo, o qual inserido em uma rede de signos evidencia um sistema semiótico, em diálogo com outros sistemas, esse processo efetiva uma complexidade de sistemas semióticos, dos quais emanam a isotopia.

A isotopia se caracteriza por ser “[...] a iteratividade, no decorrer de uma cadeia sintagmática [...]” de atributos semânticos, “[...] que garantem ao discurso-enunciado a homogeneidade” (Greimas; Courtés, 2016, p. 276). Também pode ser entendida como a reunião de figuras sêmicas em um determinado contexto. Ademais, permite uma “[...] leitura uniforme do discurso, tal como resulta das leituras parciais dos enunciados que o consistem, e da resolução de suas ambiguidades que é orientada pela busca de uma leitura única”, o que permite entender como “recorrência de categorias sêmicas”, quer sejam temáticas, efetivando a “isotopia temática”, quer sejam figurativas, denominada de “isotopia figurativa” (Greimas; Courtés, 2016, p. 276).

Sendo assim, a configuração de isotopias permite à semiótica a constituição do “fazer persuasivo” e o “fazer interpretativo” (Greimas, 2014, p. 22). Decorrente a isso, efetiva-se uma espécie de contrato que, dependendo do tipo de isotopia, configura-se como “caráter fiduciário”, ou “caráter lógico” à medida que “[...] neles se revelar alguma ordem ou regularidade, consideradas sequências significantes” (Greimas, 2014, p. 22-23). Tal fator é importante para a construção do texto analisado, pois “[...] as experiências então se apresentam como acontecimentos narrados e assim desvelam seu verdadeiro estatuto de operações cognitivas que culminam na construção de objetos, de natureza conceitual” (Greimas, 2014, p. 24).

É, nessa perspectiva, que a semiótica identifica que os conceitos precisam de proposições metalinguísticas para expressar seu valor semântico, visto que é através do plano da expressão que se amplia o plano do conteúdo. Caso isso não seja possível, afasta-se o caráter lógico e aplica-se o caráter fiduciário na estabilização de

axiomas. Isso demonstra o efeito que o sentido decorrente de combinações produz nos enunciados.

Em decorrência, pode-se apontar a instância suprema do sentido: “[...] é ele que comanda o filtro cultural de nossa percepção do mundo, é ele também que seleciona e ordena as epistemes que se implicam nos objetos particulares” (Greimas, 1975, p. 8).

Assim, os procedimentos de descrição e de verificação devem ser aplicados simultaneamente à descrição da significação, porque “[...] estes procedimentos nada nos informam sobre o sentido, eles apenas estabelecem uma correlação de controle entre dois planos independentes de linguagem” (Greimas, 1975, p. 8). Dessa maneira, “[...] se a descrição da significação continua arbitrária, os procedimentos de controle garantem, entretanto, em larga escala, sua coerência interna” (Greimas, 1975, p. 8). Fator que é decorrente dos sistemas de valência, devendo averiguar o resultado dessa isotopia, isto é, se o valor semântico estabilizado como isotopia é um resultado de procedimentos lógicos, ou resultado de uma fé, portanto configurando-se como uma axiologia.

4 Linguagem documentária, rede semântica, valores e isotopia

A ciência se estrutura à base da construção do conhecimento e, assim, sistematiza seus resultados a fim de garantir que as descobertas sejam compartilhadas. A organização do conhecimento torna-se fundamental para garantir a coerência e a coesão desses resultados, os quais são veiculados a partir de documentos, em que a informação ganha relevância de significação na constituição da informação, através da efetivação de objetos informacionais. Nessa perspectiva, a linguagem atua como representação, mediação e produtora de significação, além de ser responsável pela articulação da comunicação.

Quando se pensa na atuação da linguagem, é preciso destacar que a análise e interpretação das informações é resultado dos aspectos de linguagem, pois, nesse processo, estão alinhados em uma trama, a informação, o pensamento, a representação da realidade, que promove a experiência com o objeto ou o fenômeno, já que essa dinâmica é potencializada decorrente a possibilidade de atualização e realização do conhecimento. Outrossim, a linguagem torna-se instrumento para

estabilizar o valor semântico em descritores, constituintes de uma linguagem especializada, à base de terminologias.

Sendo assim, a linguagem documentária constitui os valores representativos de uma área científica ou cultural. Somado a isso, essa produção de valores se caracteriza decorrente a uma interação entre o sentido, a comunidade discursiva envolvida e a correlação semântica entre os conceitos aplicados para a legitimação do conhecimento. Esse conjunto de elementos são responsáveis pela produção da significação, portanto são fatores semióticos, já que cada elemento pode ser reconhecido como signo, visto que há uma metalinguagem para tratar da significação, além de que os signos, como elementos da linguagem, estão no lugar dos objetos e dos fenômenos, por conseguinte esse conjunto de significação constitui uma isotopia.

A linguagem documentária pode ser vista como unidade mínima para estabelecer a organização do conhecimento e da informação, pois se caracterizam por serem “[...] linguagens de processamento e produção da informação fundadas em hipóteses sobre o modo de organização de objetos integrados a conjuntos para fins de circulação do conteúdo informacional” (Tálamo; Lara, 2006, p. 205).

À guisa de estabilização semântica, garantir a isotopia, conseqüentemente a manutenção dos valores e da rede de significação à linguagem documentária, é garantir que o termo seja imerso nessa constituição de valências através do caráter lógico, já que, para a ciência, a confirmação de sua validade precisa ser garantida através de procedimentos metodológicos. Outrossim, a constituição de valências, através de caráter axiológico, na configuração do pensamento científico, deve ficar restrita aos aspectos históricos e filosóficos.

Além disso, a isotopia é fundamental na aplicação da linguagem documentária, pois, para garantir a mediação entre documento, conhecimento, informação e usuário, “[...] é necessário que o bibliotecário realize o processo de indexação na catalogação com uso de uma linguagem documentária que seja a mesma a ser utilizada pelo usuário no momento da busca”, por conseguinte tal aplicação visa a “[...] possibilitar o uso de uma mesma linguagem na representação da informação do conteúdo documental e na recuperação da informação” (Fujita, 2016, p. 4).

Nessa linha, também é válido destacar que na identificação dos objetos informacionais, a identificação dos valores semânticos e a configuração de isotopias também perpassam a linguagem documentária, visto que além de referir-se ao

conjunto dos diferentes tipos de instrumentos especializados no tratamento da informação bibliográfica, “[...] designa, de modo mais amplo e completo, a linguagem especialmente construída para facilitar o acesso”, processo fundamental para garantir “a transferência da informação” (Lara, 2004a, p. 232).

A linguagem documentária é aplicada ao cenário científico a fim de estabilizar a representação do documento, e essa representação estável é possível devido à construção de uma isotopia previamente sedimentada. Assim, ao ser utilizada no processo de tratamento documental e representação, essa linguagem especializada estabiliza a construção semântica por se tratar de “[...] conjunto de recursos linguísticos próprios de um campo particular do conhecimento” (Barité *et al.*, 2015, p. 94-95, tradução nossa). Além disso, como linguagem de indexação é “[...] utilizada para a representação temática dos assuntos contidos nos documentos e a recuperação dos documentos assim indexados” (Barité *et al.*, 2015, p. 94-95, tradução nossa).

Frente a isso, pode-se afirmar que o processo de organização do conhecimento e de organização da informação passa por aspectos semióticos, já que a organização do conhecimento requer um processo cognitivo para, através da linguagem especializada, evidenciar os conceitos avocados no documento. O reconhecimento desses conceitos é efetivado, no processo de interpretação, análise e tratamento do documento, através de uma “dimensão cognitiva dos discursos”, já que essa abordagem se efetua por modalizações linguísticas, destacando-se a “modalidade do saber-fazer” (Greimas, 2014, p. 29).

Outrossim, a linguagem documentária pode ser tratada como objeto-semiótico, já que esses “[...] objetos só podem se tornar cognoscíveis em razão de suas determinações e não por si mesmos” (Greimas, 2014, p. 34). Esse fator evidencia o processo cognitivo, somado à constituição de objetos informacionais, elementos fundamentais para que a informação viabilize o conhecimento, visto que “[...] essas determinações só podem ser apreendidas como diferenças que se projetam sobre o objeto, pois é esse caráter diferencial que lhes confere o estatuto de valor linguístico” (Greimas, 2014, p. 34).

É importante destacar isso, pois a linguagem documentária não é o documento, assim como a linguagem não é o objeto ou o fenômeno, mas sim uma representação, a qual se efetiva em “termos do enunciado”, que se espalham como uma rede,

configurando um “simulacro semiótico” (Greimas, 2014, p. 35), o qual evidencia um sincretismo entre a linguagem natural, a linguagem documentária, a informação, os objetos informacionais, o conhecimento e a cognição.

A linguagem natural apresenta o lexema como unidade significativa, como modelador do signo em língua, sendo constituído por semas: unidades semânticas mínimas. Seu conjunto é denominado de classemas, com isso sua atuação discursivizada passa a ser reconhecida como semema, pois o traço semântico peculiar ao contexto se efetiva (Greimas, 1973). É sob essa configuração que a linguagem documentária, em destaque o tesouro, que constitui como objeto informacional capaz de estabilizar uma representação precisa, pois é o conjunto de classemas que manifestam o valor semântico, transformando o lexema em um semema, já que há a constituição de valores previamente configurados em seu conjunto de semas (Greimas, 1973).

Além disso, no enunciado, os simulacros se organizam em sintagmas, estes formalizam as proposições e é “[...] no desenvolvimento sintagmático que a sintaxe encontra a semântica”, desse modo “[...] o reconhecimento de um valor permite, portanto, pressupor que o objeto é o local sintático de sua manifestação” (Greimas, 2014, p. 35). Nessa linha, a definição de um valor na linguagem documentária permite que a semiótica se torne operacional, já que, na ciência, esse valor é resultado de um percurso lógico de significação, portanto garantindo que a isotopia demarque através dos objetos informacionais, veiculados por simulacros, os conceitos, por conseguinte o conhecimento.

5 Considerações finais

A produção de conhecimento pela humanidade ao longo dos séculos evidencia a potencialidade de transformação decorrente às experiências. Essa circunstância é possível devido ao conhecimento acumulado, o qual está constantemente em diálogo com estudiosos e pesquisadores. Esse trâmite é possível decorrente à constante produção de informação, a qual se manifesta diante de contextos de significação. O fluxo informacional se constitui diante das diversas representações sobre um determinado objeto ou fenômeno, assim a informação, através da aplicação da linguagem, efetiva a significação do objeto informacional.

Diante disso, esse estudo evidenciou a importância da semiótica no tratamento da informação, já que a semiótica tem como objeto central de seu estudo o signo. Nessa linha, ficou evidente que a informação, sendo materializada pela linguagem é resultado da inter-relação de signos.

Outro ponto importante que esta pesquisa evidenciou como resultado, é a contribuição da semiótica para evidenciar a isotopia que configura a significação de um documento. Conseqüentemente, analisar a isotopia proporciona melhores condições de tratamento e análise do documento no que tange às abordagens temáticas, pois reconhece-se a rede semântica, os valores que efetivam a significação.

Somado a isso, é possível destacar os termos responsáveis pela configuração da rede semântica, já que estes constituem um simulacro e ao estabelecer a correlação de um complexo de simulacros evidencia os objetos informacionais, conseqüentemente os conceitos presentes no documento, permitindo que a linguagem documentária seja aplicada com eficiência e eficácia na organização da informação, por conseguinte na organização do conhecimento.

Por fim, a aplicação da semiótica para a validação da isotopia oferece à análise a constatação de aspectos semânticos, os quais são marcados por caráter lógico ou caráter fiduciário, assim contribuindo para a verificação dos conceitos que fundamentam um conhecimento, isto é, se esses conceitos são construídos sob uma base lógica, ou sobre uma base axiológica.

Referências

BARITÉ, M. **Organización del conocimiento**: un nuevo marco teórico-conceptual em Bibliotecología y Documentación. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2001.

BARITÉ, M. *et al.* **Diccionario de Organización del Conocimiento**: Clasificación, Indización, Terminología. 6. ed. corregida y aumentada. Montevideo: Csic, 2015.

BRÄSCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...] São Paulo: USP, ANCIB, 2008. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/viewFile/3016/2142>. Acesso em: 20 abr. 2025.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, [S./l.], v. 7, n. 2, 1978. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/115/115>. Acesso em: 10 jan. 2025.

FUJITA, M. S. L. A linguagem documentária na negociação de uma política de indexação para bibliotecas universitárias: procedimentos e estratégias da pesquisa-integral. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/71216>. Acesso em: 21 abr. 2025.

GREIMAS, A. J. **Semântica Estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1973.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido: ensaios semióticos**. Petrópolis: Vozes, 1975.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HJØRLAND, B. Concept Theory. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [S. l.], v. 60, n. 8, p. 1519-1536, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.21082>. Acesso em: 10 jan. 2025.

HJØRLAND, B. Fundamentals of Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, [S./l.], v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003. Disponível em: <http://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Hjorland2003.pdf> Acesso em: 10 jan. 2025.

LARA, M. L. G. Conceitos de Organização e Representação do Conhecimento na ótica das reflexões do Grupo Temma. **Informação & Informação**, Londrina, v. 16, n. 2, p. 92-121, dez. 2011. ISSN 1981-8920. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10391>. Acesso em: 22 abr. 2025. doi:<http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2011v16n2p92>.

LARA, M. L. L. G. Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 33, n. 2, 2004a. DOI: 10.18225/ci.inf.v33i2.1050. Acesso em: 14 abr 2021. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1050> Acesso em: 14 abr. 2025.

LARA, M. L. L. G. Linguagem documentária e terminologia. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 231-240, 2004b. DOI: 10.1590/S0103-37862004000300003 Acesso em: 14 abr. 2025.

LARA, M. L. L. G. O unicórnio (o rinoceronte, o ornitorrinco...), a análise documentária e a linguagem documentária. **DataGramZero**, [S. l.], v. 2, n. 6, 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5294>. Acesso em: 14 abr. 2025.

SMIRAGLIA, R. P. Knowledge organization: some trends in an emergent domain. **El profesional de la información**, [S.l.], v. 21 n. 3 p. 225-227, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.3145/epi.2012.may.01>. Acesso em: 22 abr. 2025.

TÁLAMO, M. F. G. M.; LARA, M. L. G. O campo da linguística documentária. **Transinformação**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 1–10, 2006. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6342>. Acesso em: 22 abr. 2025.

Documentary language and the organization of isotopies for the representation of knowledge

Abstract

Objective: To analyze the importance of documentary language for the organization and representation of information contained in documents, and to reflect on how practices and strategies from French semiotics can contribute to understanding the semantic correlations structured in the construction of documents, known as isotopy. **Method:** Qualitative and exploratory, this study investigated theories about semantic correlation in the configuration of statements. This study conducted a survey of published materials in the field—journals, dissertations, and theses—to systematize the concepts inherent to knowledge organization. The aim was to highlight documentary language and the contributions of terminology, thus contributing to the organization of knowledge and information, as well as to the analysis of knowledge organization, and to the analysis of valences and isotopies in the constitution of statements. **Results:** Defining a value in documentary language allows semiotics to become operational, since, in science, this value is the result of a logical path of signification, thus ensuring that the isotopy demarcates, through informational objects conveyed by simulacra, concepts, and consequently, knowledge. **Conclusion:** Applying semiotics to the validation of the isotopy allows documentary analysis to identify semantic and semiotic aspects, which are marked by a logical or fiduciary nature, thus evidencing the logical or axiomatic formation of documentary language.

Descriptors: Knowledge organization. Documentary language. Discursive semiotics. Isotopy.

El lenguaje documental y la organización de isotopías para la representación del conocimiento

Resumen

Objetivo: Analizar la importancia del lenguaje documental para la organización y representación de la información contenida en documentos, y reflexionar sobre cómo las

prácticas y estrategias de la semiótica francesa pueden contribuir a la comprensión de las correlaciones semánticas estructuradas en la construcción de documentos, conocidas como isotopía. **Método:** Este estudio, de tipo cualitativo y exploratorio, investigó teorías sobre la correlación semántica en la configuración de enunciados. Se realizó un análisis de materiales publicados en el campo (revistas, disertaciones y tesis) para sistematizar los conceptos inherentes a la organización del conocimiento. El objetivo fue destacar el lenguaje documental y las contribuciones de la terminología, contribuyendo así a la organización del conocimiento y la información, así como al análisis de la organización del conocimiento y al análisis de las valencias e isotopías en la constitución de enunciados. **Resultados:** Definir un valor en el lenguaje documental permite que la semiótica se vuelva operativa, ya que, en la ciencia, este valor es el resultado de una ruta lógica de significación, asegurando así que la isotopía delimite, a través de objetos informativos transmitidos por simulacros, conceptos y, en consecuencia, conocimiento. **Conclusión:** La aplicación de la semiótica a la validación de la isotopía permite en el análisis documental identificar aspectos semánticos y semióticos, los cuales están marcados por un carácter lógico o fiduciario, evidenciando así la formación lógica o axiomática del lenguaje documental.

Descriptores: Organización del conocimiento. Lenguaje documental. Semiótica discursiva. Isotopía.